

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

CANCIONEIRO POPULAR DO BAI-

XO-ALEMTEJO

ORGANISADO POR

DIAS NUNES

(Continuação)

DLXLVIII

Candeias tenho no monte,
Candeias n'aldeia tenho;
Candeias tenho defronte,
Com candeias vou e venho.

DLXLIX

Chamaste ao meu cabelle
Cannaval de Cupido.
Tambem eu chamei ao teu,
Recreio do meu sentido.

DC

Lá vae uma, lá vão duas,
Lá vão três pela primeira;
Lá vae o meu coração
A' busca de quem n'ó queira.

DCI

Lá vae uma, lá vão duas...
São as prendas que te dou!
Ama, amor, quanto quizeres...
Commigo já acabou!

DCII

Malo hajam cerros
Que encobrem baixuras,
Que não deixam vêr
Certas creaturas.

DCIII

Meu amor: se t'eu deixei,
Não foi por minha cabeça.
Quem toma conselhos d'outrem,
E' bom que assim lhe aconteça.

DCIV

Mil imperios t'eu daria
(Se fosse omnipotente)
Se consentisses, amor,
Que t'eu desse um beijo ardente.

DCV

Minha mãe diz que me case,
Meu pae diz que tal não faça.
—Tome o conselho da mãe;
O pao que vá rir á praça.

DCVI

A vida do militar
E' uma vida d'agonia:
Fartam-se de marcar passo
P'ra ganhar vintem por dia!

DCVII

Aperta-me a minha mão
Tè que eu diga—deixa, amor!
Quem mais aperta, mais quer,
Quem mais quer, mais sente a dôr.

DCVIII

Adeus campos onde eu estive
E as minhas glorias passava!
Ainda eu venero o sitio
Onde meu bem me falava!

DCIX

A oliveira no adro
Dá sombra a toda a egreja.
Quem tem o amor defronte,
Tem a fructa que deseja.

DCX

Algum dia por te ouvir
Mandava calar o vento;
Agora já me não lembras,
Nem me vens ao pensamento.

DCXI

Tenho dentro de meu peito
Um canivete dourado,
Para pôr na tua mesa
Ao dia do teu noivado.

DCXII

Tenho dentro de meu peito,
Do tamanho d'um ceitil,
Uma lembrança d'amor
Que me não deixa dormir!

DCXIII

Tenho uma paixão tão grande
Que me sobra! já é muita!
Desejo n'este momento
Sepultar-me, ser defunta!..

DCXIV

Tens cabeça d'andorinha,
Tens pescoço de cegonha,
Tens olhos de porca russa,
Cara de pouca vergonha.

DCXV

Já os tristes campos choram
Que não teem que vestir!
Já lhes roubaram as galas
Que lhes deu o mez d'Abril.

DCXVI

Já no adro nascem silvas,
 Já não ha passeadores;
 Já não ha quem veja andar
 Passeando os meus amores.

DCXVII

Sô tu lindo amor, sô tu!
 Sô tu tivestes a dieta
 De entrares em meu peito,
 Uma sala tão bonita!

DCXVIII

Se eu soubesse quem tu eras,
 Ou eu te amaria, ou não:
 Agora, não tem remedio...
 Padeça meu coração!

DCXIX

Se Aldeia Nova estivesse
 Perto de Santo Amador,
 Sempre eu andava fazendo
 Visitas ao meu amor.

CDXX

Se no mundo não houvesse
 Paixão de amor por alguém,
 Não teria o mesino mundo
 Tanto infeliz como tem!

DCXXI

Se passares pelo adro
 Ao dia do meu enterro.
 Pede á terra que não gaste
 A trança do meu cabelo.

DCXXII

Nasce o só para adorar-te,
 Dá volta ao mundo p'ra vêr-te.
 Quando o só deseja amar-te,
 Como não hei-de eu querer-tol!

DXXIII

Virgem—mãe da Guadalupe,
 Minha mãe, minha comadrel
 'Stá sempre pedindo a Deus
 P'ra que o mundo não se acabe.

DCXXIV

Vae-te embora mez d'abril,
 Deixa vir o moz de maio,
 Que, se a silva me ajudar,
 Do altar abaixo caio.

DCXXA

Por cima se aceifa o trigo,
 Por baixo fica o restolho.
 Quem namora sempre alcança
 Uma piscadella d'olho.

DCXXVI

Permitta o ceu que eu te veja
 Na praça dando mil ais,
 Com seis mil filhos de roda!
 Cada filho de seu pae.

DCXXVII

O' altos cerros da neve
 Onde a prata retiniu!
 Ninguem diga o que não sabe,
 Nem affirmo o que não viu.

CDXXVIII

Os cravos do meu craveiro
 São regados com vinagre.
 O que eu passo a teu respeito,
 Sô Deus dos ceus é que o sabe.

DCXXIX

O' pedra da pederneira,
 Deita p'ra cá 'ma faisca.
 Quem tem o amor á vista
 Sempre co'os olhos petisca.

DCXXX

Oliveira pequenina
 Tambem dá pequena sombra.
 Tambem eu sou pequenina,
 Mas você de mim não zomba.

DCXXXI

Os homens comparo eu
 Com a cinza da madeira,
 Que se apanha no capacho
 E vae deitar-se á estrumeira:

DCXXXII

Quando eu te não conhecia,
 Nada d'isso se me dava;
 Sem pensamentos dormia,
 Sem cuidados acordava.

DCXXXIII

Que lindo botão de rosa
 Que eu levo á minha direital
 Que linda sombra que faz,
 Que lindo cheiro que deita!

DCXXXIV

Que lindo botão de rosa
 Que eu levo á minha canhótal
 Que linda sombra que faz,
 Que lindo cheiro que bóta!

DCXXXV

Quem disser que o preto é triste
 Hei-de-lhe dizer que mente.
 Eu tenho dois olhos pretos
 Alegres p'ra toda a gente.

DCXXXVI

Quem ouvir minhas cantigas
 Dirá que eu que quero amar;
 Todos fallam em amor;
 Eu alguma hei-de cantar!

DCXXXVII

Quem se vae deitar sou eu,
 Enrolando este cigarro.
 Quem desejava agarrar,
 Já vojo que não agarro.

DCXXXVIII

Bem podia quem tem muito
 Repartir com quem não tem!
 Tambem Deus, no outro mundo,
 Reparte com quem faz bom.

DCXXXIX

Uma planta, enquanto nova,

Não pôde ter valentia:
P'ra toda a banda se volta
Com a mosma phantasia.

DCXL

Diz'-me lá o mal
Que t'eu tenho feito?
P'ra de mim fazeres
Tão ruim conceito!

DCXLI

Dizem que não pôde ser
Haver flores n'este tempo...
Aqui 'stá 'ma casa cheia
Bnlindo sem haver vento!

DCXLII

Detraz de qualquer vallado
Se colhe uma verde ameixa.
Quem por sécia se faz grave,
Tambem por sécia se deixa.

DCXLIII

Repara, toma sentido
A quanto estamos do mez...
Não sejas amor fingido
Como foi da outra vez.

DCXLIV

Repara bem para o norte
Quando o vento está levante.
Não faças tantos excessos...
Com menos temos bastante.

DCXLV

O amor-perfeito
Cinco folhas tem.
Já vae em cinco annos
Que eu amo meu bem.

DCXLVI

Lindos olhos tem a turca,
Lavados n'um lamaçal.
Eu hei-de ir lavar os meus
Onde a turca os foi lavar.

DCXLVII

Venha o copo, venha a *pinga*,
Venha mais meia canada!
Eu sem a *pinga* não canto,
Sem o copo não sou nada.

DCXLVIII

Linda lettra é um F,
Sendo ella em botão;
E' lettra com que se escreve
O nome de meu irmão.

DCXLIX

Linda lettra é um J,
Sendo ella em folor:
E' lettra com que se escreve
O nome do meu amor.

DCL

Se eu tivesse pena,
Se eu tivesse dó,
Ia a tua casa
'Star com tua avô.

DCLI

Se eu tivesse pena,
Se eu tivesse dôr,
Ia a tua casa
'Star contigo amor.

DCLII

Se algum dia quiz,
Agor' já não quero,
Palavras não são.
Correntes de ferro.

DCLIII

Sandades te persigam
Que te não possas valer!
Quero que saibas, ingrato,
Quanto custa o bem-querer.

DCLIV

Olhos pretos vão á fonte,
Que irão elles lá fazer?
Vão gosar um bem que adoram
E agua fresca a beber.

DCLV

Oh meu amor, meu amor,
Quem diz contrario mentel
Querem me apartar de ti,
Meu coração não consente!

DCLVI

O meu lindo amor
E' um hespanhol.
Oh! que lindos olhos
Que tem o mariol!

DCLVII

Onde quer que eu estiver
Haja paz e união;
Haja bondade nos homens,
Deitem-se as armas ao chão.

DCLVIII

O meu lindo amor
E' alto e trigueiro;
E' o melhor moço
Que vae ao Oiteiro.

DCLIX

O' Baleisão, Baleisão,
O' Baleisão do olmêce.
Ande lá por onde andar,
Baleisão nunca me esquece.

DCLX

O' relógio maganão
Que não dás as horas certas,
Fazes andar meu amor
De noite pelas travessas.

DCLXI

O' rosa, ó rosa,
O' rosa encarnada:
D'este meu poitinho
Tu el-a estimada'

DCLXII

O' rosa, ó rosa
Toda enriçadinha:

Dentro de meu peito
Tu és a rainha.

DCLXIII

Onde estará meu amor
Que ha dias que o não vejo?
Qual será o dia alegre
Que eu matarei meu desejo!

DCLXIV

O' amor, dá-me a resposta
Do que nós temos fallado.
Se a tua gente não gosta,
Não me tragas enganado.

DCLXV

O' José, nome de joia,
Quem t'o pôz não t'o errou,
Que as joias andam no peito,
José em meu peito andou.

DCLXVI

O' José, pinheiro verde,
Tu és a sombra do verão.
Porque anda José á calma
Tendo a sombra na mão?

DCLXVII

Não olhes para a nogueira
Que tem as nozes contadas.
Repara aqui p'ra meu peito
Que está cheia de facadas.

DCLXVIII

Nas ondas do mar se cria
Alecrim verde ás mãos-cheias.
Tanto merecem a Deus
As bonitas como as feias.

DCLXIX

Nas ondas do mar se cria
Alecrim verde aos peixinhos.
Tanto merecem a Deus
Os altos como os baixinhos.

DCLXX

Nas telhas do teu telhado
Tenho um cigarro escondido,
Não quero que ninguem saiba
Que tens amores commigo.

DCLXXI

Amores ciumes,
Ambos são parentes,
Quem não tem amores
Ciumes não sente.

DCLXXII

Altos ceus vae uma nuvem,
Todos dizem—bem n-a vi.
Todos fallam e murmuram,
Ninguem olha para si.

DCLXXIII

As fazendas são as mesmas,
Os morgados são eguaes...
Meu amor, sinto prazer
Em te amar cada vez mais.

DCLXXIV

A minha sogra é uma santa
Uma santa até morrer.
Se ella me der o seu filho,
Inda mais santa ha-de ser.

DCLXXV

Algum dia era eu
Do teu prato a melhor sopa.
Agora sou resalgar,
Menina, da tua bocca...

DCLXXVI

Eu vivo na minha casa
Como outra qualquer pessoa.
Não dando ou que fallar,
Minha fama ao longe sôa.

DCLXXVII

Eu não vi ma'estava ouvindo
Dois amantes de conversa.
Tem vontade de ser santo
Quem de noite se confessa:

DCLXXVIII

Eu tenho um vestido rôxo
P'ra vestir na tua ausencia:
As mangas são de suspiros,
O corpo é de paciencia.

DCLXXIX

Eu não sei que tenho
Que me amarga a bocca...
Eu vinho não bebo,
Aguardente é pouca.

DCLXXX

Quatro joias bem unidas
Fizeram alto serão,
Foram dar o seu passeio
De canna verde na mão.

DCLXXXI

Quando olhares para mim
Repara bem como eu sou.
Filhas p'ra te dar a ti
Nunca a minha mãe creou.

DCLXXXII

Ingrato *paramonde* outrem
Deixas minha companhia!
Juro que te hão-de lembrar
Meus affectos, algum dia.

DCLXXXIII

Maria mais Anna
São os meus ar orés.
Maria é um ramo
De todas as flores.

DCLXXXIV

Meu sentimento está vasio,
N'este instante caducou.
Se ainda me não conheces
Repara bem, que esta sou.

(Continúa)